

A imposição da maternidade e o fracasso feminino na Nigéria moderna em *Fique Comigo* (2017), de Ayòbámi Adébáyò

The imposition of maternity and female failure in modern Nigeria in *Stay With Me* (2017), by Ayòbámi Adébáyò

Danielle Fabrício dos SANTOS¹

Elis Regina Fernandes ALVES²

RESUMO: Analisou-se a obra *Fique Comigo*, de Ayòbámi Adébáyò, publicada em 2017, focando na obrigatoriedade da maternidade, em sociedades patriarcais da Nigéria, e a forma como ela se reflete em sucesso ou fracasso das mulheres. Evidenciou-se a representação simbólica do fracasso na protagonista, cuja narrativa revolvendo os empecilhos aparentes em sua vida rumo à maternidade se dá durante a maioria do romance. Voltada ao movimento feminista e seu trajeto histórico, esta análise utilizou aportes teóricos de: Simone de Beauvoir (2019); Michelle Perrot (2019), Heleieth Saffioti (2015), dentre outros. Quanto ao feminismo negro, foram utilizadas obras das teóricas Angela Davis (2016); Djamila Ribeiro (2018); Bell Hooks (2019); dentre outras. Em relação ao feminismo como movimento literário, encontram-se as obras das estudiosas Virginia Woolf (2019) e Elaine Showalter (2014). A análise revelou que a personagem Yejide sofreu grande pressão para engravidar, e somente pela maternidade seu valor foi determinado pela sociedade patriarcal. Consequentemente, projetou suas expectativas de felicidade na maternidade, modelo de sucesso nigeriano, provando a necessidade de discussões com foco no feminismo negro na sociedade patriarcal.

PALAVRAS-CHAVE: Feminismo. Feminismo negro. *Fique comigo*.

ABSTRACT: The book *Stay With Me*, by Ayòbámi Adébáyò, published in 2017, was analyzed focusing on the mandatory nature of motherhood in patriarchal societies in Nigeria and how this reflects on the success or failure of women. The symbolic representation in the protagonist was evidenced, whose narrative revolving the apparent obstacles in her life towards motherhood takes place during most of the novel. Focused on the feminist movement and its historical trajectory, this analysis used theoretical contributions from: Simone de Beauvoir (2019); Michelle Perrot (2019), Heleieth Saffioti (2015), among others. As for black feminism, the works of the theorists Angela Davis (2016) were used; Djamila Ribeiro (2018); Bell Hooks (2019); among others. Regarding the feminism as a literary movement, there are the works of the scholars Virginia Woolf, (2019) and Elaine Showalter (2014). The analysis revealed that the character Yejide was under great pressure to become pregnant, and only through motherhood was her value determined by the patriarchal society. Because of this, she projected her expectations of happiness in motherhood, model of Nigerian success, proving the necessity of discussions with focus on black feminism in the patriarchal society.

KEYWORDS: Feminism. Black feminism. *Stay with me*.

¹ Estudante do Curso de Letras - Português e Inglês, na Universidade Federal do Amazonas – UFAM, Humaitá, Amazonas, Brasil. Endereço eletrônico: danifabricio98@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4205-056X>.

² Doutora em Letras pela Universidade Estadual Paulista (UNESP). Professora Doutora adjunta da Universidade Federal do Amazonas- UFAM, no curso de Letras- Língua e Literaturas Portuguesa e Inglesa no IEAA- Instituto de educação, agricultura e ambiente da cidade de Humaitá- AM, Humaitá, Amazonas, Brasil. Endereço eletrônico: elisregi@ufam.edu.br. ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-2795-8062>.



Introdução

Entende-se por movimento feminista a reivindicação das mulheres por direitos igualitários, sendo o foco desta manifestação a busca pela igualdade política, econômica e sexual. O feminismo vem adquirindo grandes proporções desde a década de 70, e já demonstra certa influência em determinados países, mesmo que, inicialmente seu alcance tenha se limitado apenas à países do continente europeu, não envolvendo a totalidade das mulheres. Surgiu então o feminismo negro, que tem como pilar o princípio de dar voz às mulheres que não podiam ser ouvidas no início do movimento. Em alguns países do continente africano, como a Nigéria, as mulheres são tratadas de maneira diferente à dos países ocidentais considerados padrões. As exigências por parte da família e da sociedade a respeito de casamento e maternidade têm muito mais vigor do que nas sociedades europeias. Tal fato se dá devido aos costumes da cultura tradicional africana, que ainda nos dias atuais, preserva seu caráter tribal e deveras patriarcal (ABARA, 2012).

Esta pesquisa realizará uma análise bibliográfica, portanto este será seu procedimento, sendo que seu caráter será qualitativo, já que não visa a levantar dados, mas a analisar subjetivamente uma obra literária, o romance *Fique Comigo*, (2017) de Ayòbámi Adébayò. Neste sentido, seu objetivo é exploratório, pois vai investigar como a obra em questão figura personagens femininas e/ou feministas e de que forma ocorre essa figuração. Cumpridas as etapas necessárias para se atingir os objetivos aqui propostos, o trabalho acabará por elencar novos conhecimentos acerca deste romance.

Este trabalho traça a trajetória histórica e social feminina, e de que maneira vertentes como a crítica feminista e o feminismo negro e africano se mostram necessários na atualidade. Foram utilizadas as autoras Simone de Beauvoir (2019), Heleith Saffioti (2015), Michelle Perrot (2019), entre outras, para o levantamento histórico da condição das mulheres. Para a crítica feminista, são utilizadas teóricas feministas como Elaine Showalter (2014), Kate Millet (1970), entre outras autoras. Quanto ao feminismo negro, discutem-se autoras como Bell Hooks (2019), Djamilá Ribeiro (2018), Angela Davis (2016), entre outras. Considerando as bases do feminismo na literatura, este trabalho se propôs a analisar a obra *Fique Comigo* (2018), de Ayòbámi Adébayò. A obra se passa em Ilesa, na Nigéria, e aborda a vida de Yejide e seu marido Akin, focando nos acontecimentos que ocorrem logo após a chegada de uma segunda esposa na vida do casal devido à pressão de ambas as famílias destes, quando se torna aparente que Yejide não consegue dar filhos ao marido. Assim, Yejide embarca em uma longa jornada com o intuito de engravidar, enquanto sente-se muito culpada pelo fato de não poder ter filhos. A análise deste romance aborda a maternidade como modelo de sucesso na Nigéria, assim como também busca entender as condições das mulheres nigerianas na sociedade patriarcal e a maneira como o fracasso na maternidade é atribuído somente às mulheres, mas não aos homens.

Situação das mulheres e primeiros feminismos

Desde o início dos tempos, era exigido das mulheres muitos deveres, como o cuidado do lar e dos filhos e principalmente uma servidão cega ao marido. A mulher confinada ao lar é um construto moderno, principalmente após o fortalecimento de religiões cristãs que reforçam a ideia da monogamia e fidelidade, pois garantem que o



homem saiba que é o pai legítimo da criança na barriga da esposa. Esta posição da mulher completamente submissa ao casamento e ao cuidado do ambiente doméstico, trata-se, na verdade, da imagem da mulher branca, europeia, do século XVII em diante, de classe média ou alta (LERNER, 2019). Muitas sociedades africanas, após os efeitos das colonizações europeias, passaram a imitar parte desse construto.

No matrimônio, além das obrigações domésticas, havia os deveres conjugais para cumprir, que consistiam em manter relações sexuais com o marido quando fosse da vontade dele e conceber quantos filhos possíveis. Apesar de viver nos anos de 1980, a protagonista Yejide ainda se vê presa nesses construtos sociais, considerando que desde sempre sofreu pressão para ser mãe. As mulheres se viam presas em casamentos nos quais não só dificilmente encontravam prazer sexual, visto que o prazer feminino era tido como um tabu, ou proibido, crença que se encontra até os dias atuais em determinadas sociedades, como também eram consideradas reprodutoras acima de tudo (BEAUVOIR, 2019b). Não possuindo direito de escolha quanto à maternidade, as mulheres tornam-se primeiramente corpos a serem subjugados, como nota Bourdieu:

A diferença biológica entre os sexos, isto é, entre o corpo masculino e o corpo feminino, e, especificamente, a diferença anatômica entre os órgãos sexuais, pode assim ser vista como justificativa natural da diferença construída entre os gêneros e, principalmente, da divisão social do trabalho. (BOURDIEU, 2012, p. 19).

“A anatomia é o destino”, como pontua Freud (BEAUVOIR, 2019a) a respeito da condição reprodutora das mulheres, é um ponto de vista baseado na condição biológica, argumento que é constantemente utilizado para justificar as divisões sociais criadas com base no sexo. Acorrentadas ao destino da maternidade, ínfimos eram os casos de mulheres que conseguiam escapar de tal destino biológico, entretanto, eram mal vistas, não eram consideradas verdadeiras mulheres, não tinham moral. Compreende-se que a personagem Yejide certamente internalizou o seu destino biológico, pois quer desesperadamente ser mãe, sendo esse desejo profundo um reflexo de sua criação em uma sociedade extremamente patriarcal. Talvez, se tivesse disfrutado de uma criação diferente, a personagem não teria tanta vontade de ser mãe.

Quanto à sua educação, não tinham o direito de estudar como os homens, pouquíssimos eram os casos de mulheres bem instruídas até o século XVII, evoluindo gradativamente e custosamente nos séculos seguintes. Poucas eram as mulheres que tentavam reivindicar seus direitos, por isso não tinham força e nem reconhecimento, portanto, somente na segunda metade do século XVIII, as mulheres passariam a receber o devido reconhecimento em suas reivindicações por direitos, tendo início dentro do lar, âmbito ao qual eram confinadas pelo casamento e filhos (BEAUVOIR, 2019a).

Sabe-se que a inserção oficial das mulheres brancas de classe média no mercado de trabalho ocorreu aproximadamente em 1914, porém, as mulheres brancas pobres e as negras sempre trabalharam em condições desumanas, como nos ateliês em que trabalhavam na fiação por mais de dezessete horas por dia ou nas lavanderias, onde tinham que, de certa forma, entrar em contato com água e goma quentes. Também deve-se ressaltar a discrepância social, pois, enquanto muitas mulheres brancas lutavam pelo direito ao trabalho, inúmeras mulheres negras eram literalmente escravizadas no período da escravidão. Segundo Beauvoir (2019a), a emancipação do trabalhador e a emancipação feminina estavam profundamente conectadas, pois as mulheres



pertencentes ao proletariado eram aquelas que se faziam presentes em peso nas fábricas. Saffioti (1987) também denuncia a relação entre o patriarcado e o capitalismo:

Através de um simples cálculo aritmético, pode-se concluir que o poder do macho no seio das classes trabalhadoras representa uma vitória da classe patronal e não uma conquista do trabalhador. Efetivamente, os empregadores estão desembolsando, no caso da família tomada como exemplo, menos de três salários, quando deveriam pagar quatro, numa sociedade em que homens e mulheres fossem socialmente iguais. (SAFFIOTI, 1987, p. 23).

Enquanto não possuíam direitos trabalhistas, as mulheres continuaram trabalhando às escuras para sustentar os filhos. Além de trabalharem para ajudar a sustentar a família, as mulheres ainda tinham de manter a casa em ordem e serem responsáveis pela educação dos filhos. Aos homens nada era obrigatório, além de serem intitulados chefes da família e trabalharem para o sustento desta. Quanto aos serviços domésticos e a educação dos filhos, quando ajudavam eram considerados bondosos com as esposas. Saffioti (1987) chama a atenção para tais responsabilidades ao citar a injustiça da ajuda masculina, que serve como disfarce para a dominação do patriarcado sobre elas. Ressalta os papéis de gênero empregados na sociedade:

Pode-se, pois, detectar, ainda uma vez, o processo de naturalização de uma discriminação exclusivamente sociocultural. A compreensão deste processo poderá promover enormes avanços na caminhada da conscientização quer de mulheres, quer de homens, a fim de que se possa desmistificar o pretense caráter natural das discriminações praticadas contra os elementos femininos. (SAFFIOTI, 1987, p. 15).

Esse processo de naturalização é essencial para a perpetuação dos costumes da sociedade patriarcal, no que Bourdieu (2012) descreve como a dominação masculina. Seguindo os moldes do patriarcado, é natural que as mulheres assumam todas as responsabilidades do lar e dos filhos, fato aceito como o correto, inclusive, por muitas mulheres, sendo esse costume incorporado até os dias atuais em diversas comunidades. Na obra, o marido Akin ajudava em determinadas áreas da casa e a cuidar dos filhos, mas fica implícito que Yejide, a esposa, é considerada a responsável pelo cuidado do lar de forma geral. A dominação masculina não é apenas física, mas também ideológica, partindo do preceito que essas mulheres incorporem os valores do patriarcado como verdade absoluta e os apliquem, ainda que inconscientemente, em suas iguais, ou aquelas pertencentes a uma classe social inferior. Desta forma, a máquina do patriarcado segue funcionando ainda que os homens não assumam o papel de líderes (SAFFIOTI, 2015). Ainda que um período e uma sociedade diferentes estejam sendo abordados nesse ponto, este mesmo fenômeno se observa nas relações familiares da personagem Yejide:

Funmi veio se sentar ao meu lado no sofá. Baba Lola balançou a cabeça. - Ajoelhe-se Funmi. Mesmo vinte anos depois de o trem ter começado sua jornada, a terra estará sempre à frente dele.



Yejide está à sua frente em todos os sentidos nesta casa. Ajoelhando-se, Funmi colocou as mãos em meus joelhos e sorriu. (ADÉBÁYÒ, 2018, p. 16).

Quando a nova esposa, Funmi, é apresentada à Yejide, a primeira esposa, percebe-se que além da hierarquia patriarcal entre marido e esposa, existe uma hierarquia de poder entre as esposas. Neste contexto, na sociedade poligâmica da Nigéria, a primeira esposa, denominada *iyale*, é considerada a mulher que possui maior autoridade em relação às outras. Iya Martha, uma das madrastas de Yejide, sendo a primeira esposa do pai dela, também representa esse fenômeno, pois exerce sua autoridade para pressionar Yejide, assumindo o papel que o marido de Yejide, Akin, não exerce, sendo a responsável pela busca de esposas em potencial em prol de uma família maior, perpetuando o sistema poligâmico e patriarcal, em que apenas o marido pode ter mais de uma cônjuge, além de ser o chefe da família.

Tratando-se de política, entende-se que as mulheres não possuíam voz alguma, eram excluídas das decisões importantes que cercavam a si mesmas e suas comunidades. As manifestações a favor do sufrágio ocorreram de formas diferentes nos seus respectivos países e em determinados períodos, sendo a Nova Zelândia o primeiro país a aprovar o sufrágio feminino em 1893, dando início ao que seria uma grande conquista do movimento feminista. Nos anos seguintes, o sufrágio foi aprovado em outros países, culminando finalmente na plena igualdade política do sexo feminino no período entre 1918 e 1928 (BEAUVOIR, 2019a).

Deste ponto em diante, a sociedade patriarcal precisou reavaliar a nova posição política e social das mulheres dentro da unidade familiar. O papel exclusivo de reprodutora já não se encaixava mais no perfil das mulheres, levando-as a refletir sobre suas condições a respeito da posse de seus próprios corpos. Michelle Perrot (2019) comenta sobre a ignorância voltada à sexualidade feminina e afirma que não só a sexualidade como também os corpos femininos eram rodeados de preconceitos que as feministas lutam para desmistificar até mesmo na sociedade moderna do século XXI.

Com os avanços conquistados pelo feminismo, gradativamente, as mulheres passaram a se ver livres das imposições da maternidade, mesmo que ainda existam preconceitos voltados àquelas que decidem por nunca conceber filhos. No caso de Yejide, há uma enorme pressão familiar para ter filhos, que ela internaliza, levando o leitor a questionar se ela ainda seria tão ávida pela ideia da gravidez em outras circunstâncias. Pelas vozes erguidas inicialmente pelas pioneiras do movimento, outras mulheres encontraram também suas vozes para denunciar a desigualdade imposta a elas, e lutarem por suas futuras gerações. Por intermédio dessas vozes, gradualmente perceberam que a suposta fragilidade atribuída ao seu sexo não passava disso, suposições e imposições apontadas pela sociedade patriarcal, destinadas a diminuir e definir suas posições de maneira inferior, em um fenômeno já citado por Simone de Beauvoir (BEAUVOIR, 2019b, p. 11): “Ninguém nasce mulher, torna-se mulher.”

O avanço do feminismo no âmbito literário

Sabe-se que as manifestações feministas tiveram grande influência no que concerne às vitórias dos direitos femininos, porém é importante compreender o papel da literatura feminina durante o processo de reivindicações e como ela se encaixa na



sociedade patriarcal. A crítica literária feminista tem por objetivo não só denunciar o sexismo presente na sociedade patriarcal, como também provocar a reflexão a respeito da forma como os preconceitos e estereótipos do patriarcado se reproduzem na literatura, por meio de análises e debates centrados na mulher e sua representação literária. Mary Wollstonecraft, uma das críticas feministas mais relevantes de sua época, foi também pioneira ao reivindicar os direitos das mulheres em sua obra mais famosa: *Reivindicação dos direitos das mulheres*, publicado em 1792. A inglesa fez críticas voltadas à representação negativa e rodeada de estereótipos das mulheres em obras escritas, na maioria das vezes, por homens, como a suposta artificialidade e sentimentalismos femininos. O cerne de suas críticas era expor a influência que as representações literárias femininas exerciam tanto na educação quanto no desenvolvimento de diferentes mulheres diante da sociedade (MANLY, 2007).

O longo trajeto da literatura feminina foi devidamente categorizado e sistematizado em três fases pela crítica feminista Elaine Showalter (2014), como fase *Feminina*, *Feminista* e *Fêmea*. O primeiro período, denominado como fase *Feminina*, teve início aproximadamente em 1840, e como não possuíam experiências anteriores que fossem proveitosas a uma escrita própria e original, resultado de poucas oportunidades de um estudo satisfatório que se assemelhasse ao oferecido aos homens, as mulheres contentavam-se em seguir os moldes literários masculinos, repletos de estereótipos machistas, como a representação da mulher extremamente frágil e sensibilizada, que necessitava utilizar de artifícios sentimentais para ser protegida pelo homem, que se encaixava na posição de cavalheiro heroico. Nota-se como o romance *Fique Comigo* (2018), escrito por uma mulher dos anos 2000, retoma a temática da mulher, do lar e da maternidade, mas de uma forma crítica e irônica, refletindo um avanço enorme na escrita feminina e na sua figuração feminina, proporcionado pelo progresso da sociedade e das conquistas feministas. Embora o romance se passe em 1980, é possível identificar um paralelo com a fase *Feminina*, pois Yejide acaba perdendo sua essência ao se curvar ao casamento e ao ideal de maternidade constantemente cobrado de si, que ela internaliza como o sinônimo de realização pessoal e felicidade. Percebe-se uma crítica ao fato de que estes ideais da fase *Feminina* ainda se repetem, mesmo em 150 anos depois.

Nos anos seguintes, entre 1880 e 1890, teve início a fase *Feminista*, que visava a quebra dos estereótipos femininos, além de se configurar também como mais uma frente de luta na reivindicação dos direitos das mulheres. É nítido que o processo de desmistificação dos estereótipos é lento e gradual, visto que as autoras ainda não conseguiram se libertar completamente (SHOWALTER, 2014). Em sua obra *Profissões para mulheres e outros artigos feministas*, Woolf (2019) aborda o anjo do lar, estereótipo feminino que representa a mulher perfeita sob os padrões do patriarcado, cuja presença ameaçava sua subjetividade, pois de acordo com os valores patriarcais, uma moça não deveria ter vontade própria e muito menos escrever seus pensamentos, levando o leitor a perceber esta mesma linha de pensamento em seus romances, que não seguiam as antigas bases literárias.

Entre as lutas por direitos, se destacaria a reivindicação cujas manifestações levantavam mais vozes, a luta pelo sufrágio feminino. Quanto às autoras que eram favoráveis ao sufrágio, estas tornaram-se colaboradoras de grande relevância, como Elizabeth Robins (1907), autora da obra *Votes for women*, que abordava detalhadamente o ativismo sufragista, mesmo que a política fosse apenas o plano de fundo de um enredo centrado no romance e na vida de uma mulher militante e seu ex-



marido. (SHOWALTER, 2014). De maneira similar, pode-se dizer que este mesmo formato se aplica na construção da trama da obra *Fique Comigo* (2018). O cenário de instabilidade política da Nigéria de 1980 e 1990 aparece em segundo plano ao tema central da obra, focado principalmente na maternidade e na vida da família nigeriana. A protagonista demonstra bastante interesse na situação política de seu país e costuma discutir o assunto com seu marido. Como não se encontravam em uma democracia neste período, Yejide não apresenta vontade de se registrar para votar, mas acaba mudando de ideia depois, como se nota no trecho:

O clima de excitação pré-eleitoral que arrebatou o país me tomou mesmo contra a minha vontade. Nos dias que antecederam as eleições, eu me pegava cantarolando os jingles de campanha. Iya Bolu tinha me convencido a me registrar para votar. E, à medida que as eleições se aproximavam, fui tomada por uma insólita sensação de poder. (ADÉBÁYÒ, 2018, p. 213).

Talvez devido ao fato de que tudo estava desmoronando em sua vida pessoal, Yejide sente essa sensação de poder em votar pois é um ato que dependia apenas dela mesma. Em meados de 1920, teria início o que Showalter (2014) descreveu como a fase *Fêmea* da literatura feminina, período caracterizado não mais pela busca de uma nova posição na sociedade, mas sim da subjetividade e do conhecimento interior das mulheres. Este momento de novas descobertas mostrou-se satisfatório no que concerne à emancipação literária das escritoras, proporcionando a impressão de que finalmente conseguiram se livrar dos estereótipos e moldes patriarcais presentes nas outras fases da literatura, comenta Showalter:

At the time, however, female aestheticism looked like a step forward. Some women novelists and critic felt that, as Mill had predicted, the literature of women had finally emancipated itself from its cultural subjection to a male tradition, and that its historical moment had arrived. (SHOWALTER, 2014, p. 197).

Tópicos que eram considerados tabus anteriormente, como o conhecimento do corpo feminino, o aborto, lesbianismo, adultério e a prostituição, eram abordados de maneira ampla nas obras da época, trazendo à tona as mulheres como indivíduos reais além da mãe ou esposa, incitando a reflexão a respeito da nova posição das mulheres na sociedade (SHOWALTER, 2014). A protagonista Yejide aparenta ser uma mescla de figuração das mulheres em todas as fases, visto que no início da obra, não apenas se contenta com a ideia da maternidade como sinônimo de felicidade e sucesso, mas a internaliza de tal forma que se martiriza constantemente quando não consegue ser mãe, como também não conhece o sexo e não discute com o marido em determinadas situações para evitar o conflito, assemelhando-se à fase *Feminina*. Por outro lado, fez faculdade, trabalha para ganhar o próprio dinheiro e a partir da metade da obra passa a cobrar muitas coisas do marido, chegando até mesmo a traí-lo com o cunhado, assemelhando-se à fase *Feminista*. Ao fim, analisa sua vida e casamento e percebe que não seria capaz de suportar a morte de mais uma filha. Em meio a este processo de autoconhecimento, decide se divorciar e ir embora, por não ter felicidade no casamento e não conseguir perdoar este marido, que tanto mentiu, assemelhando-se à fase *Fêmea*.

No final da obra, parece dar uma leve recaída, dando a entender que pode ou não voltar para a família que deixou, mas não dá sinais de querer se envolver romanticamente com Akin novamente.

A obra analisada aborda o adultério por um viés incomum, pois o ato do adultério se configura como tal apenas para a protagonista, que não tinha conhecimento de que Akin havia combinado tudo com seu irmão, Dotun, para que pudessem ter filhos. Yejide, que nunca havia tido relações sexuais com outro homem além do marido impotente, além de desnorteada, se sente decepcionada por ter suas necessidades ignoradas, pois não conseguiu nem sequer sentir prazer, como se nota:

Às vezes, acho que as palavras de meu marido facilitaram para que deixasse Dotun me consolar. Acho que elas me deixaram frágil o suficiente para que eu me apoiasse nele quando me abraçou enquanto eu chorava, quando beijou os lóbulos das minhas orelhas e tirou minhas roupas. Tudo terminou em um piscar de olhos, deixando-me com sêmen e uma dor seca entre as coxas. Senti uma forte compaixão por minha pobre cunhada. Então era isso? Tudo o que ela tinha de Dotun semana após semana? Eu esperava sentir mais, um tremor pelo menos, apesar de mim mesma, ainda que aquilo fosse contra tudo em que eu pensava acreditar – até aquele fim de semana. (ADÉBÁYÒ, 2018, p. 92).

Yejide é a única a sentir total culpa pelo adultério, chegando a se sentir tão culpada que pensa ter perdido seu bebê, resultado da pseudociese que desenvolveu com o desenrolar da trama. É vital compreender a crítica direcionada à falta de informação e conhecimento do corpo feminino, tendo em vista que a protagonista é uma mulher adulta que não conhece o próprio corpo e o conceito básico para conceber um bebê. Não apenas o adultério é apresentado em um contexto diferente, como também a maternidade. A protagonista ascende em uma felicidade gigantesca quando finalmente consegue ter filhos, porém esta felicidade faz com que a perda dos dois filhos em futuro próximo a destrua quase completamente. Ainda que Yejide seja representada como uma mulher forte e assertiva na obra, isso não indica que ela não possua sentimentos, como em antigos estereótipos em que mulheres fortes não poderiam ser amáveis e vice-versa.

É notável que Yejide também é uma personagem realista, pois é o retrato de uma mulher multifacetada, que vai além da posição de apenas mãe ou esposa, se assemelhando ao que os moldes da fase Fêmea buscavam retratar. Em 1949, surgiu na comunidade literária a obra de maior relevância da filósofa Simone de Beauvoir, que viria a ser mais um dos grandes nomes da crítica feminista, intitulado *O segundo sexo*, dividido em dois volumes. De acordo com a filósofa, que analisa a condição da mulher sob um viés social, e não biológico, ser mulher se trata de uma construção social do patriarcado, que impõe diferentes obrigações e características usando dos argumentos biológicos como justificativa.

Beauvoir (2019b) acreditava que a literatura feminina contribuía para a libertação das mulheres e para a desmistificação da imagem do sexo feminino como o sexo frágil e emocional, destituído da razão. Em 1970, Kate Millett introduziu na comunidade literária sua obra *Política Sexual*, que seria considerada um dos principais agentes para a consolidação da crítica feminista. Em sua tese, Millett adentra as possibilidades de uma completa reestruturação social e econômica resultante da quebra



de papéis de gênero e inversão da posição feminina, que, conseqüentemente, acarretaria no desaparecimento do sistema patriarcal (MILLETT, 1970). Em 1977, Elaine Showalter publicou sua obra *A literature of their own: British women novelists from Brontë to Lessing*, na qual ela expõe o trajeto histórico da escrita feminina de forma extremamente detalhada, além de dividi-la nas três fases da escrita feminina e organizá-la em determinados períodos que representassem devidamente seu surgimento e desenvolvimento de acordo com o contexto social, como também analisava o trabalho de autoras célebres e até mesmo das que não eram lembradas com tanta frequência (EAGLETON, 2007). Vale realçar que todas essas críticas feministas ignoraram a escrita das mulheres negras. É somente no feminismo negro que as escritoras negras passam a receber a devida atenção e reconhecimento, pois suas obras são estudadas e analisadas propriamente por outras estudiosas, buscando levá-las não só para o centro do feminismo negro, mas também para o conhecimento de diferentes mulheres de quaisquer etnias.

A necessidade de um feminismo negro

Ainda que o feminismo fosse um movimento cujo objetivo era lutar contra o sexismo opressor, sua esfera não incluía as necessidades de todas as mulheres, deixando de lado mulheres periféricas, negras, indígenas, latinas, entre outras minorias étnicas (RIBEIRO, 2018). Enquanto as mulheres brancas de classe média saíam em busca de cargos e salários iguais aos dos homens brancos, se apoiavam sob as mulheres negras e periféricas para assumirem os papéis que não queriam exercer, como cuidar da casa e dos filhos. Para elas não haviam outras opções além de aceitar estes trabalhos que pagavam salários minúsculos, devido principalmente ao racismo estrutural impregnado na sociedade, mas também pelo oportunismo das mulheres brancas, aponta Hooks (2019).

Hooks (2019) critica o movimento feminista por não levar em consideração a totalidade de mulheres pobres e periféricas, e como as mulheres brancas elitizadas contribuíram para a opressão destas. Percebe-se que não existe igualdade entre mulheres ricas e mulheres negras e pobres, pois não só a raça como também a classe as separa em diferentes estilos e qualidade de vida. Outro grande fator que contribuía para a péssima situação das mulheres negras era a falta de uma educação de qualidade. Para obterem melhores posições no trabalho ou empregos que pagassem uma quantia maior, teriam de apresentar um nível mais elevado de educação e preparo, que eram raramente acessíveis para mulheres negras e pobres, que geralmente eram apenas alfabetizadas. Enquanto as mulheres brancas lutaram por uma educação igualitária à dos homens, as mulheres negras, ainda escravizadas, não podiam nem sequer ser alfabetizadas, resultando em um grande atraso educacional (HOOKS, 2019).

A autora chama a atenção para a necessidade de mulheres de cor desenvolverem suas capacidades intelectuais, ressaltando o valor do conhecimento no caminho para a libertação, assim como também instiga as outras mulheres a indagarem o motivo pelo qual se encontram poucas intelectuais não brancas. É notável que mesmo em países africanos, a escrita feminina demora a parecer, dadas as influências negativas da colonização. Não somente a conquista do sufrágio, mas também o movimento feminista como um todo sofreu um grande atraso devido às diferentes ideologias em contraste



dentro do movimento. O que foi notório para muitas estudiosas depois de muitos anos foi o quanto o movimento feminista perdeu neste período, ao não dar voz às mulheres que mais necessitavam de uma revolução na sociedade patriarcal, como afirma Davis:

Em alguns sentidos, a luta pelos direitos das mulheres foi ideologicamente definida como uma luta pelos direitos das mulheres brancas de classe média, expulsando mulheres pobres e da classe trabalhadora, expulsando mulheres negras, latinas e de outras minorias étnicas do campo do discurso coberto pela categoria “mulher”. As muitas contestações dessa categoria ajudaram a produzir o que viemos a chamar de “teorias e práticas feministas radicais das mulheres de minorias étnicas”. (DAVIS, 2016, p. 103).

A partir do momento em que se percebeu que o feminismo não atendia às necessidades de todas as mulheres, as feministas passaram a buscar e trabalhar em prol de um movimento feminista que seja verdadeiramente revolucionário. Berth (2019), aponta que não só o conhecimento de diferentes causas femininas, mas também de informações, acesso à cultura e formação de lideranças, entre outros meios de empoderamento das mulheres negras são de grande relevância na resistência contra o sexismo e racismo estrutural. O feminismo negro começou a ganhar força e visibilidade na segunda onda do feminismo, entre 1960 e 1980, mesmo que outras ativistas negras já tivessem se organizado muito antes (RIBEIRO, 2018). É importante ressaltar que as críticas dirigidas pelas estudiosas não se voltam ao movimento feminista como um todo, mas sim ao racismo e a ignorância ainda presente no período, pois ainda que não tivesse incluído todas as mulheres inicialmente, suas conquistas foram de grande relevância para contribuir para o caminho de libertação das mulheres.

A situação da mulher africana

Com o surgimento do feminismo negro, um maior número de pessoas passou a ter consciência a respeito das posições de opressão que não só as mulheres negras, mas também as periféricas, latinas, indígenas, entre outras, são submetidas em diversas situações. Esse conhecimento serviu como uma ferramenta para que essas mulheres apresentassem resistência contra a injustiça do sexismo, entretanto, apesar do feminismo ter dado mais um passo em direção ao progresso feminino, é preciso observar que esse conhecimento se relaciona em grande parte aos padrões ocidentais. A sociedade africana, que também é marcada por um forte patriarcalismo, se mantém ainda deveras tradicional, ao contrário das sociedades ocidentais, que já começam a avançar lentamente para longe das tradições patriarcais (TELO, 2017).

De acordo com Adichie (2015), na sociedade africana, especificamente na Nigéria, é esperado das mulheres que cumpram seus deveres na comunidade, que são casar, ter filhos e cuidar do lar. Os papéis de gênero ainda se encontram fortemente enraizados na sociedade africana, devido ao caráter tradicionalista do continente, tornando dificultosa a luta para as mulheres que buscam quebrar a tradição e viverem independentemente



por meio dos estudos e do trabalho próprio. Mesmo que lhes seja permitido esta busca por crescimento pessoal e profissional, existem uma série de empecilhos tanto na cultura quanto nas religiões africanas que se fazem obstáculos na vida das mulheres e isso ainda se reflete na personagem Yejide, uma mulher dos anos 80 e 90.

Ao serem relegadas ao cuidado do lar, as mulheres ainda não têm posições de autoridade dentro de casa, pois são os homens que assumem o posto de liderança, sendo assim, estas são praticamente empregadas domésticas dentro de casa. As responsabilidades com a família e o âmbito doméstico são os maiores fatores que impedem oportunidades de receber uma educação de qualidade, visto que as meninas são condicionadas desde muito cedo ao casamento e à maternidade. É interessante observar o contraste presente na educação que Yejide teve, em relação às outras mulheres da obra, como suas madrastas, que dependiam de seu pai financeiramente apesar de possuírem pequenos negócios na feira e basicamente focavam apenas na criação de seus filhos, pois entende-se que foram educadas para este propósito. Há também Iya Bolu, que é praticamente o oposto de Yejide, como se nota:

Duas semanas antes de os assaltantes nos escreverem uma carta, um novo salão foi aberto ao lado do meu. A proprietária era Iya Bolu, uma mulher gorda e analfabeta que arrotava entre uma palavra e outra. [...] Crianças jorravam de seu salão como água de uma fonte, emporcalhando a passagem que compartilhávamos. Estavam por toda parte: engatinhando, sentadas ou perambulando. Eram todas meninas e tinham os cabelos sujos. A mais velha tinha cerca de dez anos, a mais nova, quatro: seis filhas em seis anos. (ADÉBÁYÒ, 2018, p. 83).

Iya Bolu representa uma parcela das mulheres que não receberam a devida educação, mas que foram preparadas somente para serem mães, e muitas delas nem mesmo possuem um planejamento familiar, como se observa pela grande quantidade de filhos. Consequentemente, a sociedade nigeriana não vê muita importância na educação das meninas, preferindo proporcionar uma boa educação aos meninos, resultando em um alto índice de analfabetismo entre estas, como se observa: “*Interestingly, the high illiteracy rate among Nigerian women is the consequence of the interplay of several factors, including sex stereotyping and forced early marriages* (JACOB; GEORGE, 2014, p. 189)”.

Por conta da relevância atribuída ao casamento e à maternidade, as mulheres que não seguem por este caminho encontram-se deslocadas na comunidade. A auto estima e a confiança são esmagadas sob o peso das pressões da sociedade patriarcal. Segundo Adichie (2015), algumas mulheres são tão pressionadas pela comunidade que acabam tomando decisões ruins, comprometendo os aspectos pessoais de sua vida. Observa-se este aspecto ao analisar a condição de Yejide na obra, pois são as consequências destas pressões nas mulheres, como se nota no trecho em que a protagonista vai ao médico fazer um teste de gravidez:

- Isso acontece, esse tipo de... gravidez. Com mulheres que não podem ter... que ainda não tiveram filhos. Acontece. Os



sintomas da gravidez estão lá, mas não há bebê. Estamos de acordo que você não está grávida, certo? Talvez você devesse se consultar com um ginecologista novamente para discutir o problema. Eu vi no seu histórico médico que você já fez diversos exames, mas talvez possamos fazer mais alguns. – Vou pensar a respeito. Fui para o corredor com a mão sobre minha barriga ligeiramente inchada, sem me deixar abalar pela descrença de Akin e da médica. (ADÉBÁYÒ, 2018, p. 59).

Depois de apenas quatro anos de casamento, Yejide já sofre uma pressão absurda para ser mãe, e quando esta não consegue engravidar, seu estado psicológico passa a se deteriorar. A obrigação à maternidade é sentida de maneira tão pesada que é notável a forma como o estado psicológico da protagonista vai se fragilizando gradativamente com o passar do tempo, até chegar ao ponto em que acredita estar grávida, contrariando todos os médicos. A pseudociese, estado em que o próprio corpo acredita estar à espera de uma criança, se dá como resultado de todas as pressões por parte desta sociedade patriarcal na personagem, piorando ainda mais a condição psicológica da mesma. No fim, Yejide internalizou todas as expectativas de felicidade na maternidade, pois se sente infeliz quando não é mãe e só se sente feliz novamente quando reencontra a filha, como se nota:

Minha filha me abraça. – Moomi. Sua voz é suave e trêmula. Fecho os olhos como se recebesse uma bênção. Dentro de mim, um nó se desfaz, a alegria se espalha por todo o meu ser, pouco familiar e ao mesmo tempo indiscutível, e sei que isso também é um começo, a promessa de maravilhas por vir. (ADÉBÁYÒ, 2018, p. 237).

Vale ressaltar que no fim, Yejide aparenta querer fazer parte da vida de sua filha, assumindo sua posição tão sonhada como mãe. Entretanto, não demonstra interesse em voltar a ser uma família completa, de acordo com os padrões da Nigéria. Ao contrário da nítida vontade de Akin, ela não aparenta ter intenções de reatar seu casamento com ele. Adichie (2015), também argumenta que ao atingir uma certa idade, a mulher que ainda não é casada e mãe passa a ser vista como um fracasso, mas o mesmo tratamento não é atribuído ao homem. Makama também acrescenta:

Also this culture of patriarchy is a very strong determinant of male dominance over female and as a result men will sit back in the Family to keep the Family name and lineage growing while women will be married out. Thus men are being trained for leadership activities while women are confined to domestic activities; roles ascribed to them by culture which affect them later in life, thereby making them to lose self confident/worth and have low self-esteem in their career in adult life, politics inclusive. (MAKAMA, 2013, p. 116).³

¹ Além disso, essa cultura do patriarcado é um fator determinante muito forte do domínio masculino sobre o feminino e, como resultado, os homens permanecerão na família para manter o nome e a linhagem da família crescendo,



<https://doi.org/10.51951/ti.v12i25.p228-244>

Travessias Interativas / São Cristóvão (SE), n. 25 (vol. 12), p. 228-244, Jan-Abr/2022

Esse fator também é retratado de maneira explícita na obra, pois mesmo que Yejide se encaixe em alguns dos padrões para ser uma boa esposa, já que cuida bem da casa e do marido, até certo ponto da trama esta ainda não conseguia ter filhos, o que a tornava uma companheira inadequada para Akin. A maternidade como modelo de sucesso na sociedade nigeriana se faz ainda mais evidente quando se observa a diferença do tratamento direcionado à Yejide no trecho:

Moomi sempre me cumprimentava gritando *Yejide, minha esposa*. As palavras eram tão calorosas quanto o abraço que se seguia. – Boa tarde, Moomi. Meus joelhos tremiam quando tocaram o chão de cimento. – Você está grávida? – perguntou ela sem desviar o olhar da bandeja de amendoins. Eu cocei a cabeça. – Além de estéril, você é surda? Eu perguntei se está grávida. A resposta é “sim, estou grávida” ou “não, ainda não fiquei grávida nem um único dia da minha vida”. – Eu não sei. Eu me levantei e me afastei até que ela não estivesse mais ao alcance de meu punho cerrado. – Por que você não permite que meu filho tenha um filho? (ADÉBÁYÒ, 2018, p. 42).

Moomi, a sogra que a tratava com grande carinho e respeito, muda drasticamente quando ela não consegue dar filhos à Akin, passando a desprezá-la. Nesse trecho, Moomi representa o pensamento patriarcal predominante na sociedade nigeriana, pois para ela, se Yejide não conseguia ter filhos, não podia ser considerada uma mulher de verdade. Porém esse tratamento muda novamente, quando a protagonista finalmente tem a primeira filha, sendo glorificada não só pela família, mas também pela sociedade a partir do momento que descobriu que estava realmente grávida. Vale ressaltar que, mesmo que Yejide tenha apresentado exames que comprovavam que era uma mulher saudável e com capacidade para conceber, em momento algum as pessoas chegam a cogitar que o problema pode estar em Akin e não nela. Além disso, também é vital observar como toda a culpa de ser estéril recai sobre Yejide, mas Akin não é cobrado por não ter filhos.

Além de não assumir a culpa, Akin ainda tem a audácia de achar que Yejide voltará a viver com ele, depois de tudo o que fez para esconder sua impotência sexual. Akin internaliza todos os valores do patriarcado, fazendo de tudo para proteger seu orgulho e sua masculinidade. Como a família tradicional se configura como um dos aspectos mais importantes da sociedade patriarcal, todos os fatores que prendem as mulheres em seus círculos familiares contribuem para uma dependência não só psicológica, como também financeira da parte delas. Não recebendo uma educação de qualidade, ou incentivo para saírem da bolha familiar, as mulheres dificilmente conseguem se estabelecer em bons empregos e usufruírem de todo o seu potencial.

enquanto as mulheres se casarão e sairão da família. Assim, os homens estão sendo treinados para atividades de liderança enquanto as mulheres estão confinadas às atividades domésticas; são papéis atribuídos a elas pela cultura que as afetam mais tarde na vida, fazendo com que percam a autoconfiança/valor e tenham baixa autoestima em sua carreira na vida adulta, inclusive na política [tradução nossa].



Sendo assim, o patriarcado restringe as diferentes possibilidades da vida adulta, enquanto exclui as mulheres de atividades necessárias para a aquisição de uma total independência financeira (MAKAMA, 2013). Pode-se dizer que Yejide é uma exceção à regra, como se nota no trecho:

Comecei a ganhar dinheiro como cabelereira durante o meu primeiro ano na Universidade de Ifé. Como a maioria das calouras, eu morava no Mozambique Hall. Todas as noites durante a primeira semana depois que me mudei para o alojamento, fui de quarto em quarto, dizendo às outras garotas que poderia trançar seus cabelos pela metade do preço que costumavam pagar no salão. (ADÉBÁYÒ, 2018, p. 31).

A protagonista não só mostra ter iniciativa, como também foi para a universidade e claramente é capaz de se sustentar sozinha, sem a ajuda da família ou do marido, algo que é extremamente difícil de se conseguir, considerando-se a condição das mulheres nigerianas da década de 80. Além de uma base econômica instável, as mulheres não contam com uma boa representação política, visto que o número de mulheres eleitas na política na Nigéria é baixíssimo. Dessa forma, não dispõem de muitos direitos relevantes relacionados ao trabalho ou à maternidade, pois são minoria nas decisões políticas. Não é surpreendente que as nigerianas também tenham de lidar com o domínio de sua sexualidade, é irônico que nem sempre possam usufruir de métodos contraceptivos devido à grande importância atribuída à concepção de filhos para continuar a linhagem do marido, porém tenham a sexualidade reprimida, proibida (ABARA, 2012). Compreende-se a desinformação e falta de conhecimento sobre o próprio corpo da protagonista Yejide como um índice dessa sociedade patriarcal. Não apenas do próprio corpo, mas também do corpo masculino, indicando que a personagem provavelmente nunca teve uma conversa esclarecedora a respeito disso no ambiente familiar ou na escola, como se nota no trecho:

Enquanto elas conversavam, comecei a me sentir desconfortável. Pensei na última vez que Akin e eu tínhamos feito amor e quis fazer perguntas a Tia Sadia – ela parecia ser o tipo de pessoa que me daria um tapinha na mão e respostas diretas. Mas, em vez disso, mordi a língua, porque não era o tipo de mulher que discutia sua vida sexual com outras mulheres em um salão de beleza. (ADÉBÁYÒ, 2018, p. 133).

Nesse momento em que as mulheres estão discutindo suas vidas sexuais no salão, Yejide se sente perdida e envergonhada, por não saber exatamente do que elas estão falando. Essa falta de conhecimento se dá não só pela repressão da sexualidade feminina que é própria da sociedade patriarcal, como também pelas mentiras de seu marido a respeito do corpo masculino. Percebe-se que mesmo que as mulheres estejam em um clima de descontração quando abordam este assunto no salão, ainda assim não é considerado apropriado, como pontua Yejide. Todo o contexto do trecho indica



fortemente como a educação sexual não é abordada de maneira adequada às jovens moças nigerianas, em um reflexo da realidade.

É com base nessas e diversas outras situações que o feminismo africano constrói suas frentes de luta e resistência, levando em consideração as necessidades das mulheres africanas, destacando as diferenças e subjetividades delas. Compreende-se que as feministas africanas também entendem a diversidade determinada entre si mesmas e as feministas do ocidente, ao tentarem provocar mudanças na sociedade, sem de fato ferirem a cultura que é tão valiosa para o povo africano. Apoiam-se no feminismo do ocidente, porém não pretendem se valer de costumes ocidentais em suas lutas. Os estados modernos africanos contam com o apoio de feministas que lutam pela plena liberdade das mulheres, de forma que tenham controle de seus corpos, direitos trabalhistas, posse de propriedades e independência política, econômica e social, desfrutando da própria cultura sem discriminações (TELO, 2017).

Considerações finais

Este trabalho se propôs a analisar a obra *Fique Comigo*, publicada em 2017, de Ayòbámi Adébáyò, sob o viés da figuração feminina na protagonista Yejide. Teve como objetivo discutir e entender a condição das mulheres, apresentando sua trajetória desde os séculos passados e analisando como a imposição da maternidade afeta a vida destas, com foco nas mulheres nigerianas, apontando a necessidade e relevância do feminismo africano.

Essa pesquisa revelou que a protagonista Yejide é uma personagem que apresenta várias camadas de profundidade, visto que apresenta semelhanças com as diferentes fases literárias abordadas por Showalter (2014), ou seja, é uma personagem multifacetada que não se encaixa em somente uma fase literária, ou corresponde a certos estereótipos literários referentes às mulheres negras. Apesar disso, Yejide recai no estereótipo da maternidade, não apenas devido à imensa pressão que sofreu, como também devido ao fato de que era considerada um fracasso como mulher pela sociedade nigeriana enquanto não engravidava, e só foi considerada uma mulher bem sucedida quando se tornou mãe. Yejide é a representação da maternidade como modelo de sucesso, pois internalizou todas as expectativas de felicidade na maternidade, visto que ainda no fim da obra, acredita que só será feliz enquanto for mãe, provando a necessidade do feminismo africano na vida de inúmeras mulheres que fazem parte de sociedades ainda extremamente patriarcais como a Nigéria.

Quanto às outras personagens femininas, como as madrastas e a sogra de Yejide, a segunda esposa de Akin, Funmi, e as mulheres que frequentavam seu salão, aparentam recair mais nos estereótipos literários de mulheres negras, porém aparentam ser construídas dessa maneira como forma de crítica à sociedade patriarcal nigeriana. Essas figuras femininas, incluindo Yejide, são como reflexos do caminho árduo que as mulheres nigerianas devem enfrentar diariamente. Esse trabalho trouxe o entendimento de que muitas autoras negras escrevem sobre mulheres negras para poder finalmente dar uma voz real, e não estereotipada, às protagonistas negras.



Referências

ABARA, Chinwe Julie. Inequality and discrimination in Nigeria tradition and religion as negative factors affecting gender. In: *Federation of International Human Rights Museums (FIHRM)*, 2012.

ADÉBÁYÒ, Ayòbámi. *Fique comigo*. 1. ed. Rio de Janeiro: Harper Collins, 2018.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *Sejamos todos feministas*. Trad. Christina Baum. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

BEAUVOIR, Simone de. *O Segundo sexo: a experiência vivida*. Tradução de Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019b.

BEAUVOIR, Simone de. *O Segundo sexo: Fatos e mitos*. Tradução de Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019a.

BERTH, Joice. *Empoderamento*. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Trad. Maria Helena Hühner. 11ª. Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

DAVIS, Angela. *Mulheres, raça e classe*. Trad. Heci Regina Candiani. 1ª.ed. São Paulo: Boitempo, 2016.

EAGLETON, Mary. Literary representations of women. In: PLAIN, Gill; SELLERS, Susan. *A history of feminist literary criticism*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007. p. 105-118.

GEORGE, Dosunmu Akinola; JACOB, Ogunniyi Olayemi. *Historical background and impact of women's involvement in formal education in Nigeria*. European Scientific Journal, 2014.

HOOKS, Bell. *Teoria feminista: da margem ao centro*. 1 ed. Perspectiva, 2019.

LERNER, Gerda. *A criação do patriarcado: história da opressão das mulheres pelos homens*. São Paulo: Cultrix, 2019.

MAKAMA, Godiya Allanana. *Patriarchy and gender inequality in Nigeria: the way forward*. European Scientific Journal, 2013.

MANLY, Susan. Mary Wollstonecraft and her legacy. In: PLAIN, Gill; SELLERS, Susan. *A history of feminist literary criticism*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007, p. 46-65.

MILLET, Kate. *Política Sexual*. Trad. Alice Sampaio, Gisela da Conceição e Manuela Torres. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1970.



PERROT, Michelle. *Minha história das mulheres*. Trad. Ângela M. S. Côrrea. São Paulo: Contexto, 2019.

RIBEIRO, Djamila. *Quem tem medo do Feminismo Negro?*. 1.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. *Gênero, Patriarcado e violência*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2015.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. *O poder do macho*. São Paulo: moderna, 1987.

SHOWALTER, Elaine. *A Literature of their Own: British Women novelists from Brontë to Lessing*. New Jersey: Princeton Up, 2014.

TELO, Florita Cuhanga António. O pensamento feminista africano e a carta dos princípios feministas para as feministas africanas. *Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women's Worlds Congress* (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2017.

WOOLF, Virginia. *Profissões para mulheres e outros artigos feministas*. Porto Alegre, RS: L&PM, 2019.

